

momento em que se torna homem e começa a sentir”, afirma Tônio e assim vemos surgir na novela o tema que tanto preocupou Thomas Mann em tôdas as fases de sua obra: arte e artista, em oposição à vida tal como é. O que aqui se representa e debate é o problema da existência do artista como “burguês, que errou o caminho e penetrou pela arte”, ou “boêmio com saudades do ambiente de infância”. Isto tudo diz a personagem principal em uma carta que escreve a Lisaweta Iwanowa, elucidando sua perplexidade da seguinte maneira: “Estou entre dois mundos, mas em nenhum estou em casa e — por isto — tudo me é difícil”.

A carta é enviada da Dinamarca, onde Tônio Kroeger viaja, à procura de uma solução para suas dúvidas, de um caminho para trilhar. É a partir desta novela que sempre volta, nos trabalhos de Thomas Mann, a oposição, por assim dizer localizada, entre a análise sóbria do espírito setentrional e a meridional afirmação leviana de vida e beleza. Tônio é a primeira personagem de Mann a ter consciência plena desta oposição, reconhecendo o perigo da sedução sulina. É isto o que o determina a procurar a terra de Hamlet, a Dinamarca: “e Tônio Kroeger viajou para o Norte”... A ameaça vem do Sul, devido à fascinante intensidade da vida — problema que retorna, conforme veremos em seguida, em *A Morte em Veneza*. Mas, acompanhando ainda por alguns momentos Tônio, que procurou provocar o espírito nórdico, a ponto de dirigir-se ao “terraço de Kronborg, onde o ‘fantasma’ se aproximou de Hamlet, trazendo miséria e morte ao pobre e nobre jovem”, veremos que também fala a Tônio, pronunciando a sentença pela qual tem de anular-se como homem, a fim de poder sobreviver como artista.

Seu encontro, em plena Dinamarca, com Hans Hansen e Ingeborg Holm, a “loura Inge, que Tônio Kroeger amara aos dezesseis anos de idade” tem algo de simbólico. Representa o encontro com a antítese de sua existência, de seu modo de encarar a vida e, até mesmo, do seu íntimo. Tal-

vez nem se trate de Hans e Inge? Talvez vieram apenas à sua lembrança, tomando corpo nas figuras de dois jovens turistas, que Tônio vê à noite, dançando no hotel em que se hospedou. Observa-os, espiando através de uma porta de vidro — e aqui temos, figurado, o modo pelo qual Thomas Mann concebe o artista contemplando a vida. Para os seres comuns, ela é uma dança alegre, multicolor. Para Tônio, assim como para qualquer artista verdadeiro, só, “entorpecimento, solidão, gelo e espírito. E arte!” Este é para Mann, o sacrifício do artista e a perda que sofre. Tônio Kroeger enxerga este caminho e, por fim, se resolve a trilhá-lo. Sabe que “o que fiz não é nada, não é muito é quase nada”. Seu amor pela “outra existência”, a “dos louros cabelos e dos olhos azuis”, subsiste, permeado de “anelo, inveja melancólica e um pouquinho de desprêzo, até de uma castíssima felicidade”, mas trata-se de um amor frutífero e Tônio tem a consciência de que “fará coisas muito melhores”.

É este o fim da novela e por isso é, indiretamente embora, uma afirmação existencial. De modo totalmente diverso, entretanto, é abordado o problema em *A Morte em Veneza*. Interpretada como “uma análise reveladora do íntimo humano”, foi escrita em 1911, e publicada um ano depois pela primeira vez. Trata de problema penoso: Gustav Aschenbach, quinquagenário, escritor de fama, permite que, durante breve permanência em Veneza, uma paixão degradante tome conta dele. Encanta-se pelo menino Tadzio, de quatorze anos de idade. Não se verifica, contudo, nenhum encontro direto entre os dois. Embora Gustav Aschenbach pressinta (e depois dela venha ter certeza) uma epidemia de cólera que está a grassar em Veneza, não consegue decidir-se a partir enquanto sabe Tadzio na cidade. E, no momento em que a família do menino se apronta para deixar a cidade das lagunas, morre o infeliz escritor, com os olhos cravados em Tadzio o qual, pela última vez, brinca na praia.

“Fui a bordo em Veneza... Meu Deus, com que sentimentos revi esta cidade amada, depois de tê-la levado em